



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

MIKAELY ROCHA E SILVA

RELATÓRIO

TERRA INVENTADA: PERFIS DAS ARTISTAS MARLENE ALMEIDA E CRIS PERES

JOÃO PESSOA/PB
2023

MIKAELY ROCHA E SILVA

RELATÓRIO

TERRA INVENTADA: PERFIS DAS ARTISTAS MARLENE ALMEIDA E CRIS PERES

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª Dr^a Sandra Raquew dos Santos Azevêdo.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586tt Mikaely Rocha e Silva.

Terra Inventada: perfis das artistas Marlene Almeida e Cris Peres / Mikaely Rocha e Silva. - João Pessoa, 2023.

32 f. : il.

Orientação: Sandra Raquew dos Santos Azevêdo.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Artes Visuais e Jornalismo. 3. Mulheres - Artes visuais. 4. Marlene Almeida - Arte paraibana - Perfil. 5. Cris Peres - Arte paraibana - Perfil. I. Azevêdo, Sandra Raquew dos Santos. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno(a): Mikaely Rocha e Silva

Título do trabalho: TERRA INVENTADA: Perfis das artistas Marlene Almeida e Cris Peres

Aprovado em 09 de novembro de 2023, com média 10,0

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) orientador(a): Profa. Dra. Sandra Raquew dos Santos Azevêdo
Universidade Federal da Paraíba

Assinatura: Sandra Raquew dos Santos Azevêdo

Professor(a) examinador(a): Profa. Dra. Sabrina Fernandes Melo
Universidade Federal da Paraíba

Assinatura: Sabrina Fernandes Melo

Membro examinador(a): Me. Alexandre Santos Arantes de Souza
Universidade Federal da Paraíba

Assinatura: Alexandre Santos A. de Souza

Dedico este trabalho às minhas avós

À minha avó, Izabel e a todas as mulheres que
tiveram seu direito de estudar cerceados
À minha avó, Lindalva e a todas as vítimas da
covid-19 e da necropolítica brasileira

AGRADECIMENTO

Agradeço a minha mãe, Edjavane, pelo incentivo, força e conversas sobre todo meu processo, por ser a primeira pessoa de minha família a estar em uma faculdade, e me fazer também me imaginar nela. Agradeço a meu pai, Manassés, por sempre ter me mostrado o mundo pelas artes, pelos primeiros filmes, leituras, músicas, pelo apoio e por acreditar em mim. Agradeço também a toda minha família, em especial minha avó Lindalva, que se foi no meio desse meu caminho, mas que me apoiou e celebrou comigo, a minha tia Mylena, por sempre se fazer presente. Agradeço a meu irmão Mikael, pelo incentivo e conversas.

Agradeço as minhas amigas, Luana, Amanda e Bianca, que comigo cresceram e que celebramos todas a conquista de cada uma. Agradeço a meus amigos de graduação os “Jornamigos”, Ângela, Bruna, Carol, Iaco, Junior e Lara. Também agradeço a outros que somaram nessa caminhada, Vitória, Amanda, Ana Lua, Lua, Ismael e Walter.

Agradeço em especial a Carol, minha amiga que compartilha comigo a vida e a pesquisa, caminhamos juntas em parceria, trocamos segredos e referências, e esse trabalho não existiria sem nossas trocas e incentivos.

Agradeço a Alexandre, primeiro pela amizade, segundo por me ensinar o zelo, o carinho e a responsabilidade com a pesquisa e com a cultura.

Agradeço a Cris Peres, que me concedeu muito mais que entrevistas, mas amizade, acolhimento e sororiedade.

Agradeço a Marlene, por todo tempo, recepção e disponibilidade.

Agradeço a todo o corpo de servidores da UFPB e do CCTA, que fazem essa universidade existir.

Agradeço ao corpo docente que fez parte desta caminhada, em especial a Sandra Raquew, pela orientação e trocas. Agradeço também a Marcelo Coutinho, Sabrina Fernandes, Marta Penner, Marco Aurélio, Dinarte Varela, Carlos Azevedo e Pedro Benevides.

Agradeço a dois mentores que se tornaram amigos e são marcantes para essa caminhada, Valquíria Farias e Silvio Osias.

Agradeço a Kim, por todo afeto, companheirismo e paciência. Pela escuta e trocas sobre arte e sobre a vida. Pela resistências de juntas amar uma mulher.

Agradeço a meu cachorro Marley, por estar sempre ao meu lado (por vezes até demais).

RESUMO

Este trabalho compreende o relatório de produção dos perfis das artistas paraibanas Marlene Almeida e Cris Peres, intitulado Terra Inventada. Desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso durante a graduação em Jornalismo, este trabalho possui foco na vida e obra das artistas. O perfil se destaca por trazer uma narrativa sobre o entrevistado, oferecendo um recorte biográfico de forma íntima e empática, que aproxima o leitor do perfilado. As artistas selecionadas para este trabalho foram escolhidas a partir do levantamento bibliográfico acerca dos registros de artistas visuais paraibanos, dessa maneira visando fortalecer os registros da cena das artes visuais na Paraíba, especialmente das artistas mulheres contemporâneas Cris Peres e Marlene Almeida são objeto central deste projeto. O relatório presente contém reflexões do processo de mais de 6 meses de pesquisa e escrita do produto, ressaltando os referenciais teóricos das artistas, para mais o trabalho acompanha os pormenores da escrita de um produto jornalístico, passando pela construção da pauta, captação da entrevista, escolhas editoriais e afins.

Palavras-Chave: perfil; jornalismo; artes visuais; mulheres.

ABSTRACT

This work comprises the production report of the profiles of the Paraíba artists Marlene Almeida and Cris Peres, titled "Invented Land." Developed as a Final Course Project during the Journalism graduation, this work focuses on the life and work of the artists. The profile stands out for providing a narrative about the interviewees, offering a biographical account in an intimate and empathetic manner that brings the reader closer to the profiled individuals. The artists selected for this project were chosen based on a bibliographic survey of records of visual artists from Paraíba, aiming to strengthen the documentation of the visual arts scene in Paraíba, particularly focusing on contemporary women artists. Cris Peres and Marlene Almeida are the central subjects of this project. The present report contains reflections on the process of over 6 months of research and writing, highlighting the theoretical frameworks of the artists. Furthermore, the work covers the details of the journalistic product, including the construction of the agenda, interview capture, editorial choices, and related aspects.

Keywords: profile; journalism; visual arts; women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Obra “Terra tão só” de Marlene Almeida.....	11
Figura 2 -	Obra da série “Arqueologia do amanhã” de Cris Peres.....	12
Figura 3 -	Frames da Performance “Corpo Matriz” de Cris Peres.....	13
Figura 4 -	Conjunto de esculturas de Frans Krajcberg.....	14
Figura 5 -	Obra “Abismo” de Marlene Almeida.....	15
Figura 6 -	Obra “Trouxas Ensanguentadas” de Arthur Barrio.....	16
Figura 7 -	Obra “Trouxas Ensanguentadas” de Arthur Barrio.....	16
Figura 8 -	Fotoperformance “Fragile” de Cris Peres.....	17
Figura 9 -	Registro da entrevista com Marlene Almeida.....	21
Figura 10 -	Registro da entrevista com Marlene Almeida.....	21
Figura 11 -	Registro da entrevista com Marlene Almeida.....	21
Figura 12 -	Registro da entrevista com Marlene Almeida.....	21
Figura 13 -	Registro da entrevista com Cris Peres.....	22
Figura 14 -	Registro da entrevista com Cris Peres.....	22
Figura 15 -	Registro da entrevista com Cris Peres.....	22
Figura 16 -	Registro da entrevista com Cris Peres.....	22
Figura 17 -	Registro da entrevista com Cris Peres.....	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1	ARTE E ECOLOGIA.....	15
2.2	ATIVISMO FEMINISTA.....	16
3	RELATÓRIO DE PRODUÇÃO.....	20
3.1	PRÉ-PRODUÇÃO.....	20
3.2	PRODUÇÃO.....	22
3.3	PÓS-PRODUÇÃO.....	25
	REFERÊNCIAS.....	26
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	27
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..	31

1 INTRODUÇÃO

O cenário artístico paraibano se apresenta de maneira diversa na sua linguagem e temática, apesar do pouco e desigual fomento prestado pelas políticas culturais do Estado (especialmente as Artes Visuais), a escassa produção/divulgação dos meios de comunicação do que se é feito na Paraíba, contribuem para o não apreço e até apoio de artistas paraibanos.

De modo geral, as artes visuais na Paraíba até a década de 50 possui nomes esporádicos que se destacam, no Estado. A Paraíba apresenta expressões do Modernismo, no entanto o pensamento crítico acerca da Arte Paraibana em si era escasso.(Zaccara, 2019)

A pesquisadora Madalena Zaccara (2019), explica que uma das razões para a Paraíba não ter tido qualquer organização, grupo ou movimento de reflexão e produção de uma arte paraibana até a década de 80, é que não havia o curso de Belas-Artes ou Artes Plásticas no Estado. O primeiro curso apenas foi inaugurado entre 1976 e 1977, a graduação em Educação Artística na Universidade Federal da Paraíba, antes dessa data há registro apenas de cursos temporários de oficinas práticas/produções no estado. Ou seja, o incentivo à arte paraibana é tardio em relação a outros estados brasileiros.

Consequentemente, a história da arte paraibana apresenta parcimoniosamente nomes de mulheres artistas, é possível destacar entre elas Amélia Theorga, nascida no município do Mamanguape em 1907, que se destacou com uma das primeiras artistas paraibanas do século passado, a artista começa a expor no Estado a partir da década de 1920, onde produzia pinturas, em especial de paisagens litorâneas.

É a partir de Amélia que outras mulheres paraibanas começam a aparecer nas linhas da história da arte, mesmo que minimamente. Entre as décadas de 1920 à 1970, ganhado mais força nos anos de 1980 é possível elencar as artistas Alice Vinagre, Analice Uchoa, Fran Lima, Heloísa Maia e Marlene Almeida.

Dentre esses nomes trago para o centro dessa pesquisa a artista Marlene Almeida, nascida na cidade de Bananeiras, na Paraíba (1942), é graduada em filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde paralelamente frequentava aulas de desenho, pintura e escultura. Em sua juventude a artista fez parte do Partido Comunista Brasileiro (PCB), atuando diretamente na organização de resistência ao período da ditadura militar no Brasil, foi um momento que marcou sua obra, apesar da pouca liberdade de produção, nesse período Marlene

pintou o que se passava “o povo como alvo...multidões sofridas, a liga camponesa. Pinte o que eu via”. Iniciou sua atuação como artista para o público — pois antes disso já produzia — no final da década de 1970, e início da década de 1980. Devido ao período de redemocratização do país, Marlene agora poderia expor seus trabalhos, sua primeira exposição aconteceu em 1977, na UFPB, apesar de já pintar desde sua infância.

Marlene transparece na arte e em sua vida suas preocupações com o seu entorno, ao levantar questões acerca da natureza em sua obra. A artista desenvolve boa parte de sua pesquisa artística em torno da pigmentação natural provinda da coleta de argila. A relação entre a terra e a obra de Marlene Almeida adquire uma relação simbiótica, a terra se torna tema da obra, e a obra é terra. A utilização da argila é especialmente na pintura de paisagens, mas a artista também explora outros elementos como sementes e raízes, também outras linguagens da arte, sendo a instalação uma das mais recorrentes no trabalho de Marlene Almeida. Nesses quase 50 anos de produção, Marlene participou de diversas exposições individuais e coletivas, pelo Brasil e fora dele, uma das mais recentes foi a “Brasilidade Pós-Modernismo” no Centro Cultural Banco do Brasil entre os anos de 2021 e 2022, uma exposição que celebra o centenário da Semana de Arte Moderna, e identifica suas influências na arte contemporânea brasileira, a obra “Terra tão só” (Figura 1), que reúne um conjunto de desenhos, materiais coletados, pigmentos e objetos sob uma extensa mesa branca se encontrava no núcleo de trabalhos Natureza brasileira e o ser humano.

Figura 1 - Obra “Terra tão só” de Marlene Almeida exposta na mostra “Brasilidade Pós-Modernismo”



Fonte: Centro Cultural Banco do Brasil. Arquivo: Catálogo Brasilidade Pós-Modernismo

Dando um salto no tempo da história da Arte Paraibana, seguimos com a artista visual Cris Peres, nascida em João Pessoa — PB no ano de 1988, bacharel e mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba. A artista pensa a “ausência” e o “vazio” em seu trabalho, utilizando especialmente a gravura como linguagem. Em sua primeira exposição individual *Vocabulário do Vazio* (figura 2), Cris Peres apresenta suas gravuras-objeto, “objetos gravados” a partir do uso de concreto e de embalagens plásticas”¹, nessa obra a artista provoca o público a pensar o que estamos deixando de concreto no mundo, na natureza: o descarte. Popularizado no meio acadêmico, o termo “Capitaloceno” se refere ao momento histórico-geológico que a Terra está vivendo, no qual sua principal característica é o imenso e irreversível rastro de lixo que o ser humano deixará no planeta, causado pelo modo de produção (capitalista) em que estamos inseridos.

Por certo, Cris Peres pensa a ecologia a partir da interferência humana, para além dessa temática, a artista apresenta em outros trabalhos questões acerca do corpo negro feminino, como em “Corpo Matriz” (figura 3) performance na qual a artista atrás de uma parede branca, com vestimentas brancas e pintada em seu rosto, mãos e cabelos de tinta branca, se lava com água, retirando toda a tintura. Nesse trabalho, Cris tem em vista discutir a invisibilização social do corpo negro feminino, pelo embranquecimento colonial e capitalista e o apagamento provocado pela criação do conceito de pardismo no Brasil.

Figura 2 - Objeto da série de Cris Peres “Arqueologia do amanhã”



Fonte: em exposição na Galeria Casarão 34. 2019 Arquivo: Gravura-Objeto: O campo ampliado da impressão.

¹ Cris Peres sobre sua exposição "Vocabulário do Vazio". PERES, Cris . **Gravura-Objeto: O campo ampliado da impressão**. UFPB, 2020.

Figura 3 - Frames da performance *Corpo Matriz* de Cris Peres, 2021.



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0EwtmJi5epg>

Dessa maneira, a elaboração dos perfis das artistas visuais Marlene Almeida e Cris Peres é pensada na tentativa do jornalismo cultural se voltarem para o produzido na Paraíba na arte contemporânea por mulheres. A escolha das artistas tem relação com o diálogo temático estabelecido nas obras de ambas as artistas, é possível identificar temas relacionados a ecologia, a reutilização do que é descarte e/ou do que é natural, em concordância em gerar reflexões acerca das ações antrópicas, e acerca do próprio material natural da Terra. Além disso, a investigação das obras de Cris Peres perpassa pelo Artivismo Feminista: conceito que surge no Brasil nos anos 80 no processo de redemocratização, Artivismo se refere a arte como linguagem de questionamento e transformação social em relação ao que tange o feminino no ocidente (Costa, 2018).

No campo da comunicação e da produção acadêmica, a realização de pesquisa e matérias que se debruçam acerca das obras de artistas mulheres brasileiras, especialmente as que se encontram fora do eixo Rio-São Paulo, é escassa em quesito de quantidade, quando se compara ao que é produzido sobre artistas que se identificam com o sexo masculino. Como explica a historiadora de arte Linda Nochlin (1971) no seu ensaio vanguardista e ainda pungente “Por que não existiram grandes mulheres artistas na história?”, uma das explicações para essa pergunta é a escassez de registro devido ao pouco apreço que a história teve com artistas mulheres, como se mostra o controverso, mas bastante utilizado livro do historiador

Ernst Gombrich, o “História da Arte” se propõe a perpassar pelos artistas e movimentos da história da arte até os anos de 1950, no entanto, a pesquisa do autor cita apenas uma mulher em um recorte de centenas de anos da história da arte. Devido a essas questões que tangem a estrutura patriarcal ocidental, a produção de conhecimento, conteúdo e pesquisa acerca das mulheres artistas nos aparece enquanto necessária e minimamente reparadora, ao alcance do

que se é permitido na democracia burguesa. A produção de perfis de duas mulheres que se colocam como artistas no nordeste brasileiro é necessária para o objetivo de registrar historicamente essa produção, mas também fortalecer o presente momento da história através do jornalismo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ARTE E ECOLOGIA

Por definição, a ecologia é uma área de estudo da biologia que contempla e analisa a relação entre seres vivos e o ambiente, recorrentemente nas artes visuais se reflete e produz pensando nessas relações e impactos do entorno com o que é vivo. No Brasil, um país propício para essas questões, a produção de obras que permeiam a temática ecológica é possível ser identificada em diversos momentos, como na Semana de Arte Moderna de 1922, com as obras de Tarsila do Amaral (1886), que nos traz elementos brasileiros da paisagem ambiental e dos símbolos culturais do Brasil, um certo tipo de estudo da ecologia da identidade e bioma brasileiro. Posteriormente, Tarsila e Oswald de Andrade escrevem o Manifesto da poesia Pau-Brasil, um manifesto quase súplica para nos voltarmos ao Brasil, à Amazônia, à vegetação, ao Pau-Brasil. (Helena, 2013)

Na arte contemporânea brasileira, outro artista que caminha no pensamento da ecologia é Frans Krajcberg (1921), polonês radicado no Brasil, o artista produziu esculturas com galhos, troncos e raízes coletadas na mata durante viagens pelo Pantanal brasileiro e pela Amazônia. Durante a vida e produção de Frans Krajcberg, o artista utilizou de suas obras como denuncia a exploração humana sob seu entorno natural.

Figura 4 - Conjunto de esculturas de Frans krajcberg.



Fonte: Arquivo Inhotim.

É pensando nessas questões, que a obra de Marlene Almeida pode ser refletida, sua instalação “Abismo” (figura 8), de 2019, presente na exposição da Galeria Casarão 34 “Conto de Curiosidades Naturais e Artificiais” a artista encheu com argila “tubos” de tecido que

tomavam as cores dos pigmentos do material coletado e que remetem a artefatos, abaixo desses tubos a artista colocou concreções ferruginosas, que parecem tentar alcançar a argila. O nome abismo se remete ao local em que a argila foi coletada, um abismo, assim como o desenho que a disposição dos tecidos faz. A escolha de Marlene em seus materiais é política, utilizando de elementos naturais numa escala de coleta que não impacta a vida local. Neste trabalho, Marlene busca a criação sem o descarte, mas sim como transformação, criar de uma forma não aniquiladora, mas sim, de maneira possível para humanos e o seu entorno.

Figura 5 - Abismo, 2019. Marlene Almeida.



Fonte: Arquivo: Reprodução

2.2 ARTIVISMO FEMINISTA

A partir de 1975, o Brasil passa por um período nomeado redemocratização, no qual progressivamente os direitos individuais e a liberdade de imprensa foram sendo retomados, visto que o país passava por um processo de ditadura militarizada e de extrema-direita. Uma das medidas adotadas para esse lento e controlado processo de redemocratização foi o fim da censura prévia a espetáculos e publicações e a revogação do AI-5, Ato Institucional que, entre muitas coisas, ampliava o poder militar de censura a qualquer conteúdo, comunicativo e artístico.

É no contexto de mínimo retorno às liberdades individuais, de pensamento e produção

que surge o Artivismo, termo que nomeia a arte política e crítica existente no Brasil, a grande produção de uma arte engajada na década de 90 é resultado dos anos de repressão e censura sustentados pela ditadura militar. Como bem define o pesquisador Paulo Raposo (2015):

Artivismo é um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polémicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas (...). A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística (Raposo, 2015).

Um dos principais exemplos na arte brasileira de uma obra ativista é as “Trouxas ensanguentadas” (figura 4 e 5) de 1970 do artista luso-brasileiro Arthur Barrio. Nesse trabalho o artista encheu trouxas de panos com material orgânico, dejetos e carne animal que ainda estava ensanguentada, e a golpeou com uma faca, essas trouxas foram jogadas pelas ruas do Rio de Janeiro e no rio Ribeirão de Arruda de Belo Horizonte, a polícia era frequentemente acionada pela população quando as encontravam. A obra foi uma denúncia ao desovamento de corpos executados pelo regime militar.

Figura 6 - Trouxas ensanguentadas de Arthur Barrio, 1970



Fonte: Arquivo César

Figura 7 - Trouxas ensanguentadas de Arthur Barrio, 1970



Fonte: Arquivo: Instituto Inhotim.

O ativismo feminista se refere a essa arte política relacionada as questões do feminismo, ou seja, a contestação do sistema patriarcal através da estética. A artista Cris Peres permeia esse conceito em suas obras, como nas performances *Fragile* (figura 6) realizadas em 2021 na Usina de Arte, em Água Preta, Pernambuco, durante uma residência artística em que participou. Para a construção das performances, Cris Peres se debruçou

em uma profunda pesquisa, como a mesma explica (2022) a obra busca “contestar teorias de controle da colonialidade a partir da descolonização do conhecimento teórico-prático, suscitado por questões relacionadas às experiências racistas de mulheres negras/es”². Os conceitos trabalhados na performance perpassam as teorias feministas, especialmente o feminismo negro e classista, visto que o racismo, o patriarcado e opressão de classe se autoalimentam para sua permanência. Como explica as sociólogas Alice Costa e Naira Coelho (2018):

A intervenção crítica, característica do Ativismo Feminista, pode decorrer de diversas questões em relação aos preconceitos étnico-raciais, religiosos e territoriais, desigualdades econômicas e sobre diferentes formas dos impactos de dominação e exploração do capitalismo. Contrapõe-se a hegemonia de técnicas e temáticas eurocêtricas, bem como realiza uma crítica contundente à dominação masculina, própria do movimento feminista (Costa; Coelho, 2018).

Figura 8 - Fragile, 25 quadros. Foto: José Rebelatto. Local: Usina de Arte-PE. 2021.



Fonte: Acervo particular da artista

Na performance *Fragile*, Cris Peres desfaz uma pilha de tijolos de cerâmica que está a sua frente. O nome da obra remete aos adesivos usados na caixa-base para os tijolos, o adesivo indica que o conteúdo carregado é frágil. Os tijolos foram retirados de uma antiga olaria, construções dedicadas às construções, a metalinguagem das estruturas, a artista pensa

² DIAS, Cristiane Peres et al. **Fragile: teorias de controle e a decolonização performativa do corpo dissidente**. 2022.

nos corpos e sujeitos que passaram por ali, que construíram aquilo, tendo em mente, que, essa olaria se encontra numa usina colonial, e que, é atualmente utilizada como um espaço de arte. O retirar dos tijolos então frágeis e soltos revelam um corpo presente. Estruturas de poder frágeis, mas existentes e corpos atentos, é ao que Cris remete, a sua destruição, ao destroço do que sustenta o racismo e o patriarcado.

3 RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

O seguinte relato pretende registrar o processo de realização de dois perfis, um da artista Marlene Almeida e outro da artista Cris Peres, ambas paraibanas.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O caminho percorrido para chegar nesse objeto de pesquisa e nessa linguagem jornalística é uma costura dos anos de minha graduação. Meu primeiro estágio enquanto estudante de jornalismo aconteceu no 2º período do curso, em 2019, fui selecionada para estagiar na Galeria Casarão 34, órgão pertencente à Prefeitura de João Pessoa, durante o período que estive atuando na galeria ela estava sob coordenação da crítica e curadora paraibana Valquíria Farias. Foi ela quem me apresentou as artistas sobre que escrevo neste trabalho.

Valquíria foi minha primeira mentora nesse percurso, que enraizou em mim um interesse antigo que é as artes visuais. Pude acompanhar a exposição individual de Cris Peres no Casarão 34, onde troquei meias-palavras e criei muita curiosidade e admiração, lembro bem de nesse mesmo momento estar cursando a disciplina de Jornalismo Literário, ministrada pelo professor Carlos Azevedo, que além de ser parte do corpo docente da graduação em jornalismo, era também aluno do curso de Filosofia na UFPB. Após meu contato com as obras de Cris Peres entre um de nossos encontros, o procurei para pedir alguma referência do campo da filosofia que trata do conceito do Vazio. Inconscientemente essa pesquisa se inicia aí.

Após a exposição de Cris no Casarão 34, acompanhei todo processo da exposição “Gabinetes de Curiosidades” de curadoria de Rita do Monte, foi uma exposição coletiva que esteve presentes diversos artistas da cena paraibana e também de outros estados, Marlene Almeida foi uma dessas artistas. Conheci a artista no processo de montagem, novamente criei tamanho apreço e curiosidade pelo que vi, mas contive em mim todas as perguntas que quis lhe fazer.

Voltando para a escolha da linguagem, o perfil jornalístico, foi também uma aproximação orgânica que fui criando ao longo da graduação. Tive a oportunidade de escrever para disciplinas dois perfis, ambos sobre artistas paraibanos, primeiro sobre Archidy Picado e outro sobre Hermano José, nesse processo me interessei em ler perfis, me via lendo textos sobre pessoas que jamais pensaria em ter interesse de ler algo, tudo pela linguagem que esse gênero possui.

Diante disso, me foram surgindo questões acerca do gênero perfil, o que esse texto diz

sobre o autor? O que é nesse texto a percepção do jornalista e o que é a percepção do perfilado? Como definir limites éticos desse processo? Visto que a possibilidade da entrevista para um perfil apresentar momentos de desabafos, de histórias que não serão escritas, como me mostrar jornalista e quando me mostrar apenas enquanto uma pessoa que está ali para escutar, acolher e trocar.? Essas questões foram pulsoras para a escolha do perfil como último trabalho de minha graduação.

A elaboração preliminar deste trabalho envolveu uma revisão bibliográfica das temáticas que estão presentes nas produções das artistas, uma investigação e análise do que foi produzido sobre elas, entrevistas, textos acadêmicos, críticas, textos curatoriais entre outros. Como parte desse mapeamento das artistas, pesquisei em catálogos de exposições, em suas redes sociais, sites e produção acadêmica tudo que se referia às suas produções enquanto artistas, para compor o escopo das pautas/roteiros das entrevistas.

Após vencer a etapa da revisão da literatura, iniciei a produção dos roteiros das entrevistas de profundidade. Esses roteiros foram constituídos de um pequeno resumo sobre os entrevistados, e em blocos temáticos com perguntas abertas e fechadas. Os blocos temáticos foram adaptados a cada entrevistado. Inicialmente preparei em cada roteiro duas pautas, uma para as artistas enquanto fonte primária, e outra para uma fonte secundária, o critério escolhido para a fonte secundária foi pensado a partir do objetivo maior deste perfil: o recorte das mulheres enquanto artistas. Sendo assim, previamente acordado entre mim e minha orientadora que a fonte secundária do perfil de Cris Peres seria o Prof. Dr. Robson Xavier, amigo da artista, mas também orientador de sua graduação e mestrado. Para o perfil de Marlene Almeida foi escolhida a curadora Tereza Arruda, que a acompanha seu trabalho e pesquisa há mais de 30 anos, e tem durante esse tempo realizado exposições com a artista.

3.2 PRODUÇÃO

Após concluído os roteiros e realizado os ajustes apontados pela orientadora Prof^a Sandra Raquew Azevêdo, iniciei o contato com os entrevistados para a realização das entrevistas. A primeira pessoa a ter disponibilidade foi o Prof^o Robson Xavier, marcamos para a terça-feira, 05 de setembro. A entrevista foi realizada na sala de pintura do Centro de Comunicação Arte e Turismo da UFPB, foi registrada em áudio, chegando a pouco mais de 30 minutos, devido a outros compromissos do entrevistado. A priori minha intenção era de transcrever todas entrevistas, o que não foi feito em primeiro por outras demandas deste trabalho terem se apresentado como mais urgentes, e segundo pela reflexão que tomo durante o processo

de que neste produto não seria necessária essa etapa.

Antes de iniciar as gravações das entrevistas aviso ao entrevistado que irei gravar em áudio, é um momento que me sinto apreensiva pois esse momento pode ser crucial para que rumo a entrevista irá tomar, o que é um risco na construção de um perfil. Após as entrevistas costumo refletir sobre os momentos em que eu consigo estabelecer em mim uma naturalidade que almejo, intento sempre para que esses momentos se assemelhe uma conversa apesar de ser uma entrevista, são sutis o que me faz perceber que isso foi alcançado, como tirar o gravador do nível de nossos rostos, mesmo que se perca em qualidade técnica. Em nenhum momento das entrevistas houve pedidos de falas serem postas em *off*, apesar de em todas existirem trocas delicadas e íntimas de cada entrevistado, e que em nenhum momento seria utilizado na construção do texto, que acima de tudo é uma responsabilidade ética.

Como dito anteriormente, minha fonte secundária do perfil de Marlene Almeida era a Tereza Arruda, foi tentando contato com a curadora por uma semana, por e-mail, ligação e redes sociais, no entanto, não houve respostas. A curadora neste período estava nos momentos finais para iniciar a montagem de uma mostra de arte na China, que inclusive contou com uma obra que Marlene Almeida fez para a mostra.

Diante disso, tive que voltar novamente para a primeira etapa desta pesquisa e decidir uma fonte secundária, houve alguns nomes elencados, mas com apoio da orientação, optamos por não ter essa fonte secundária, pois acredito que esse espaço não seria preenchido com a capacidade que Tereza Arruda teria.

A segunda entrevista realizada foi com Cris Peres, no dia 14 de setembro. A entrevista foi realizada virtualmente, pois nesse período a artista estava enquanto mentora na vivência imersiva do projeto do Governo do estado da Paraíba, o Panapaná. Conversamos por cerca de 1h e 20 minutos. Nesse primeiro encontro o foco foi na produção artística/teórica de Cris, especialmente por ser realizado de forma online, questões pessoais e relativas à sensibilidade da artista não foram devidamente alcançadas. Ao fim desse momento combinamos de haver um encontro pessoal.

Em 28 de setembro realizei a terceira entrevista, esse espaço considerável de tempo aconteceu por Marlene Almeida estar em uma viagem para a montagem e abertura de uma exposição. O encontro aconteceu em seu ateliê e acervo, um anexo de sua casa. Estivemos por 3 horas conversando e explorando aquele espaço. A entrevista com Marlene aconteceu de maneira peculiar, ao menos para mim que no fim desse caminho que é a graduação me encontro. Certamente, a artista foi entrevistada diversas vezes sobre sua produção, sua pesquisa, mas na minha pesquisa não encontrei perfis sobre ela, apenas breves contextualizações de quem ela,

sendo assim, no primeiro momento nossa entrevista seguiu como uma mediação do seu espaço e do seu percurso artístico, Marlene tem estabelecido pela recorrência uma espécie de roteiro de entrevista. Retorno ao fato de estar no percurso final desse curso, que apesar de haver muito a ser trilhado, é totalmente diferente de como eram minhas primeiras entrevistas. Nos primeiros períodos era bom ter entrevistados que conseguiram passar sua mensagem sem um grande esforço meu, o que já não acontece nesse momento, no qual é mais claro que condução intento obter em uma entrevista, que sem dúvidas podem ser mudadas, mas que é preciso ter a certeza do que se está buscando. Ao fim do tour que Marlene fez, pude então estabelecer um rumo em nossa conversa que nesse momento carecia da personalidade de Marlene, visto que o aspecto da pesquisa é produção havia sido conversado.

Figura 9 - Registros do encontro realizado no dia 28 de setembro *Figura 10 - Registros do encontro realizado no dia 28 de setembro*



Fonte: Arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 11 e 12 – Revistas do encontro realizado no dia 28 de setembro



Fonte: Arquivo pessoal.



A quarta e última entrevista desse trabalho aconteceu no dia 25 de outubro, na casa que também é ateliê de Cris Peres. O encontro aconteceu um mês depois por questões de agenda da artista que viajava a trabalho e por demandas pessoais minhas. Com a intenção desse encontro ser mais sensível que o primeiro, Cris e eu conversamos sem roteiros estabelecidos, apenas questões pontuais que haviam. Nessa etapa, minha orientadora já havia feito sua primeira correção do perfil de Cris, escrito a partir da primeira entrevista, o que facilitou objetivamente nesse segundo encontro, essa conversa durou fluidamente 5 horas.

Figura 13 e 14 - Registro do encontro realizado em 25 de outubro com Cris Peres.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A produção de escrita dos perfis é feita sem transcrições de áudio, os coloco em um drive para não haver perdas e início a escrita a partir da escuta deles. Além da utilização das entrevistas, recorro à revisão bibliográfica da primeira etapa, e a pesquisas que vão surgindo

Figura 15 e 16 – Registro do encontro realizado em 25 de outubro com Cris Peres



Fonte: Arquivo Pessoal.



Fonte : Arquivo pessoal

devido às novas informações que a entrevista possui.

3.3 PÓS-PRODUÇÃO

Durante esse processo, prezei pelo que tomei como bússola nos primeiros anos de graduação, retornei após e durante a escrita ao teórico brasileiro Adelmo Genro Filho, que discorre em seu livro “O segredo da pirâmide: (para uma Teoria Marxista do Jornalismo)” de 1987, sobre a como a cobrança editorial de uma objetividade jornalística, atua enquanto manutenção do capitalismo, utilizando de recursos como a estrutura piramidal nos textos jornalísticos, se mantendo em aspectos rasos dos fatos e assim isolando a relação do sujeito com a realidade, ou como ele nomeia, com a universalidade.

Pensando nisso, a estrutura do perfil de Cris Peres, se inicia com a contextualização de um processo histórico, pois intento para a relação que o leitor irá fazer com a história e com a subjetividade da artista.

Percebo, no entanto, comparando os perfis que eles têm um teor diferente, enquanto o de Marlene Almeida se mostra mais “positivo” em relação a sua vida e arte, o de Cris Peres se põem de maneira mais crítica, essas diferenças refletem o próprio perfilado, mas também aponta para questões sociais de raça, gênero e classe, que considere que apontar isso no perfil seria anti-ético de minha parte, mas que não posso deixar de reconhecer neste relatório.

Após a finalização da escrita dos perfis realizei uma seleção entre imagens que capturei nas entrevistas e imagens de produção das artistas. Também realizei o processo de escolhas estéticas para o produto final, como fonte e disposição do texto e imagens.

De modo mais pessoal, fazer esse trabalho me atinge direta e completamente enquanto pessoa, a primeira vista pelo ser mulher, artista e admirar fortemente ambas mulheres centrais deste trabalho, em segundo para além de uma realização acadêmica, é para mim um feito político, enquanto filha da primeira mulher de minha família a entrar em uma universidade, enquanto neta de duas mulheres que não puderam concluir o ensino escolar, e tantas outras mulheres que há séculos tem sua possibilidade de pensar por si reprimida, essa pesquisa me toca profundamente nesse sentido, contribuindo para o registro, para o espaço de voz dessas mulheres.

Esse trabalho me tranquiliza e me assusta ao imaginar que podemos ser muito além de um quarto de quatro paredes.

REFERÊNCIAS

- CUSTÓDIO, Jacqueline. A poética da carne dilacerada em trouxas ensanguentadas. **História em Revista**, v. 27, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/22012>. Acesso em: 13 set. 2023.
- COSTA, Maria Alice Chaves Nunes; COELHO, Naiara. A (r) tivismo feminista–Intersecções entre arte, política e feminismo. **CONFLUÊNCIAS| Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 25-49, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/34558>. Acesso em: 13 ago. 2023.
- DIAS, Cristiane Peres. **Fragile**: teorias de controle e a decolonização performativa do corpo dissidente. [Dissertação]. Mestrado em Artes Visuais - Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, p. 101. 2022.
- DUTRA, Lidiane Fonseca. Diálogo entre arte e ecologia através das obras de Tarsila do Amaral e Frans Krajcberg. **Revista Didática Sistemica**, [S.l.], v. 12, p. 44-54, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1561>. Acesso em: 13 set. 2023.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987
- HELENA, Lúcia. **Modernismo brasileiro e vanguarda**. São Paulo: Ática, 2003.
- NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas**. São Paulo: Edições Aurora. 2016.
- VILAS-BOAS, Sergio. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Unesp, 2016.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Roteiro semi-estruturado

Perfil Jornalístico: Cris Peres

Entrevistada: Cris Peres

Data da entrevista:

Cris Peres (1988) é artista visual paraibana, bacharela e mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba. Cris Peres pesquisa em seu trabalho a dicotomia entre a ausência e a presença, também investiga a performance da mulher negra enquanto corpo dissidente diante das demarcações colonizadoras.

Objetivo do perfil: Compreender e divulgar o trabalho da artista, relacionando sua vivência enquanto mulher negra no seu trabalho *Fragile*, e sua formação na capital litorânea da Paraíba, que se torna presente em suas obras ao discutir questões sobre o vazio mas também sobre o antropoceno, e a produção excessiva dos resíduos industriais.

Tópicos (os tópicos não representam a estrutura de escrita do perfil, serve apenas como maneira organizativa)

1. Vida

- Descrição de quem é Cris por Cris (informações básicas como checagem do que tenho registrado)
- Surgimento do desejo ou da percepção dela enquanto artista visual.
- Percurso do seu trajeto enquanto artista mulher negra (Quais as aspirações ao escolher esse curso, e atuar na cena artística)
- Percepções de Cris Peres em relação a cena artística paraibana e nordestina.

Divido aqui a entrevista entre as duas principais pesquisas da artista.

2. Vocabulário do Vazio

- Breve explicação sobre o que é o trabalho, técnica, processo, que rumo tomou (ex: exposição)
- O que leva a artista a temática da percepção ambiental como aspecto político e social?
- Como a artista estabelece a relação entre o vazio e o excesso, o plástico e o concreto nesse trabalho? Seria na percepção de Vocabulário do Vazio a essência representada na raridade em resposta à reprodutibilidade?
- Como a artista lida com a contradição em apontar os danos da produção fordista, do excesso de resíduo de resíduo, produzindo materiais que podem vir a se tornar também um resíduo?

- Quais as percepções de Cris após se passado alguns anos desde a produção deste trabalho?

-

3.Fragile

- Breve explicação sobre o que é o trabalho, técnica, processo, que rumo tomou (ex: exposição)
- A obra fragile se trata de um trabalho mais íntimo, atravessando questões da vida da artista. Quais são os elementos da vida das 9 mulheres que a artista entrevista que a toma como impulso para a produção da performance. E como foi essa abordagem?
- Cris utiliza em ambos trabalhos materiais que se relacionam com a edificação, a construção de algo habitável, e me parece elaborar um caminho entre a questão política/social a pós-produção desses materiais no vocabulário do vazio, e da pré-produção em fragile. A artista enxerga dessa maneira? ou são processos que não se relacionam.
- Qual foi a percepção deste trabalho para as mulheres que foram entrevistadas?
ps: temas importantes da obra Fragile, maternidade solo de mulheres negras, falta de registro dessas famílias.

4. presente e futuro

- Quais são as temáticas que a artista tem se dedicado na atual produção, há uma continuidade desses dois trabalhos?
- Há objetivos/expectativas que Cris Peres vise com seu trabalho enquanto artista?
- Fala de livre assunto, perguntar a artista se ela deseja acrescentar algo.

Entrevistado: Robson Xavier (Professor da graduação e do mestrado em artes visuais na Universidade Federal da Paraíba e orientador da artista visual Cris Peres)

Data da entrevista:

Trajetória

- Contextualização de como se deu a aproximação entre o entrevistado e a artista (aluna da graduação, orientanda do tcc e dissertação, etc).
- Como Robson Xavier enxerga o caminho de Cris em suas primeiras produções até seus trabalhos atuais (temáticas, mudanças de linguagem, etc).
- Quais as influências que o professor Robson enxerga nas obras de Cris. Quais contribuições dele?
- Como ele vê o processo de produção de Cris, como a artista lida com esse momento.
- Considerações sobre a artista, e a pessoa que Cris é, enquanto aluna mas também amiga.

Roteiro Semi- estruturado perfil Marlene Almeida

Perfil jornalístico: Marlene Almeida

Entrevistada: Marlene Almeida

Data da entrevista:

Marlene Almeida, nascida na cidade de Bananeiras, na Paraíba (1942), é graduada em filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), paralelamente a artista frequentava aulas de desenho, pintura e escultura da instituição. Em sua juventude a artista fez parte do Partido Comunista Brasileiro (PCB), atuando diretamente na organização de resistência ao período da ditadura militar no Brasil, Marlene transparece em sua arte e em sua vida suas preocupações com o seu entorno, ao levantar questões acerca da natureza em sua obra. A artista desenvolve boa parte de sua pesquisa artística em torno da pigmentação natural provinda da coleta de argila. A relação entre a terra e a obra de Marlene Almeida adquire uma relação simbiótica, a terra se torna tema da obra, e a obra é terra. A utilização da argila é especialmente na pintura de paisagens, mas a artista também explora outros elementos como sementes e raízes.

Tópicos (os tópicos não representam a estrutura de escrita do perfil, serve apenas como maneira organizativa)

1. Vida

- Qual o primeiro contato de Marlene com a arte? Quando e porque surgiu esse interesse?
- Quais a temática e linguagem das primeiras produções da artista.
- Como aconteceu essa aproximação da Marlene enquanto militante do Partido Comunista Brasileiro, e da Marlene artista. Os desenhos tiveram qual destino?
- Como Marlene conduziu sua trajetória nas artes visuais? Como se pensou as contradições do mercado de arte, da centralização das artes visuais no eixo Rio-São Paulo? Como eram essas questões? Houve mudanças?
- Como Marlene enxerga o atual cenário das artes visuais paraibana e nordestina?

2. Pesquisa e obra

- Como e por quê surge a pesquisa de Marlene com a argila e minerais. O que a artista utilizava antes dessa pesquisa? A Paraíba influenciou essa pesquisa?
- Como aconteciam as excursões para a coleta de argila, e como acontece hoje? (Aqui busco o processo inicial e como a artista transforma essa pesquisa em coleta no acervo que se forma a partir dela, além de como funcionava essa excursão em equipe).
- A artista enxerga esse processo de coleta e pesquisa como um trabalho artístico?

- Como acontece a relação simbiótica vista na produção de Marlene Almeida. A matéria guia o tema, ou o tema impulsiona a pesquisa?
- Como a artista enxerga sua formação em filosofia em relação a sua produção artística e pesquisa? Marlene Almeida vê a militância ainda presente na sua obra?

0. Experimento ping pong

- O que Marlene entende sobre as seguintes questões.
- O tempo.
- A ecologia, e tudo que é natural.
- A relação entre humano e natureza.

3. Obras específicas

- Como Marlene enxerga as questões de gênero na sua produção? Há obras como Minha Terra (2020-2021) ou Terra (2021) em que a temática do ser mulher está presente.
- Marlene parece construir em suas obras a história do Brasil, a geografia, enquanto também se volta a questões ontológicas, como é possível notar em Terra tão só, exposta na mostra Brasilidade Pós-Modernismo que celebra o centenário da Semana de 22. (Gostaria que Marlene discorresse sobre esta obra.

APÊNDICE B - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Autorização Uso de Imagem e Voz

Termo de autorização:

Eu Cristiane Peres Dias autorizo, para todos os fins em direito admitidos, a utilização da minha imagem e voz decorrentes da minha participação na realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Mikaelly Rocha e Silva, intitulado "Terra Inventada: Perfis das artistas Marlene Almeida e Cris Peres.

As imagens e voz poderão ser exibidas no relatório parcial e final do referido trabalho, bem como de outros sistemas de disseminação da informação e do conhecimento.

A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à minha imagem e voz.



Assinatura

26 / 10 / 2023

João Pessoa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

Eu, ROBSON XAVIER DA COSTA, autorizo expressamente o uso da minha imagem e voz em entrevista jornalística a ser realizada por Mikaelly Rocha no dia 05/09/2023, nas seguintes condições:

Periodo de Vigência: A presente autorização é válida a partir da data de assinatura deste documento e permanecerá em vigor por tempo indeterminado, a menos que eu a revogue por escrito.

Uso da Imagem e Voz: Autorizo o uso da minha imagem e voz em entrevistas, reportagens, matérias jornalísticas, documentários, programas de televisão, rádio, internet e quaisquer outros meios de comunicação. **Reserva de Direitos:** Esta autorização não implica a obrigatoriedade de exibição ou utilização da minha imagem.

Compromisso de Utilização Ética: Mikaelly Rocha compromete-se a utilizar a minha imagem e voz de forma ética e respeitosa, preservando minha dignidade e imagem.

Revogação da Autorização: Tenho o direito de revogar esta autorização a qualquer momento, mediante notificação por escrito a [Nome do Jornalista ou Veículo de Comunicação]. Após a revogação, deverá cessar imediatamente o uso da minha imagem e voz.

Declaro que li e compreendi todas as condições desta autorização e, ao assiná-la, concordo voluntariamente em permitir o uso da minha imagem e voz conforme descrito acima.

Assinatura do Jornalista:

João Pessoa, 05 de 09 de 2023.

Robson Xavier da Costa
Assinatura do Cedente

Termo de Autorização Uso de Imagem e Voz

Termo de autorização:

Eu Marlene Costa de Almeida autorizo, para todos os fins em direito admitidos, a utilização da minha imagem e voz decorrentes da minha participação na realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Mikaely Rocha e Silva, intitulado "Terra Inventada: Perfis das artistas Marlene Almeida e Cris Peres.

As imagens e voz poderão ser exibidas no relatório parcial e final do referido trabalho, bem como de outros sistemas de disseminação da informação e do conhecimento.

A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à minha imagem e voz.


Assinatura

__/__/2023

João Pessoa